



A versão da esquerda da Teoria Instrumentalista na publicação do Portal Uol¹

Adriana Karolina da Silva MIOTTO²

Indiara FERREIRA³

Universidade de Uberaba (Uniube), Uberaba, MG

RESUMO

Em meio às manifestações do segundo semestre de 2013 no Brasil, surgiram notícias sobre a tática Black Bloc no país. Desde então, o tratamento da imprensa com esses manifestantes tem sido bem específico e, em alguns casos, com sinais de violência. Análise de uma reportagem publicada pelo Portal Uol tornou nítida a presença da Teoria Instrumentalista do Jornalismo, na vertente da esquerda, em que os interesses políticos de determinado grupo no poder prevalecem.

PALAVRAS-CHAVE: Black Blocs; Portal Uol; Teoria Instrumentalista; Educomunicação.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto dos trabalhos desenvolvidos no Núcleo de Pesquisa em Novas Teorias da Comunicação, da Universidade de Uberaba, (NUPENTEC/UNIUBE), na linha de estudo e pesquisa de Educomunicação.

A decisão do Governo Federal de pressionar o congelamento das tarifas de ônibus alegando segurar a inflação anual gerou grande revolta em todo o país e marcou a história brasileira. Surgiram movimentos contra o aumento das tarifas e o ciberespaço foi o catalizador de uma série de manifestações ocorridas em junho de 2013. Dentro do contexto dos protestos, estiveram presentes os Black Blocs que, segundo o escritor francês Dupuis-Déri (2014), são um grupo anticapitalismo que questiona a ordem vigente. “Conhecidos pelo uso das roupas pretas e por cobrir os rostos, são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupos de pessoas formados durante uma marcha ou manifestação” (Dupuis-Déri, p.10).

¹ Trabalho apresentado no II 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo na Universidade de Uberaba (Uniube), integrante Nunpetec/Uniube – Educomunicação. email: adriana_miotto12@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Uniube. Mestre em Educação (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran). Pesquisadora Fapemig. Integrante do Nunpetec/Uniube - Educomunicação. email: indiara.ferreira@uniube.br



O objetivo desse trabalho foi demonstrar como os adeptos da tática Black Blocs foram retratados pelo portal de internet mais antigo do Brasil, o Universo Online (Portal Uol), na reportagem “Chefe da Polícia Civil do Rio diz não considerar black blocs como manifestantes”, publicada em 17 de outubro de 2013.

Como objetivos específicos, pretendeu-se analisar o contexto histórico do surgimento da tática Black Bloc, seus ideais, suas características no Brasil, descrevendo suas raízes e ações durante as manifestações.

A justificativa que norteou a pesquisa relacionou-se à compreensão e à conscientização de professores e alunos dos cursos de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, sobre a abordagem jornalística e os impactos causados, em especial, por meio dos discursos tendenciosos.

Os procedimentos técnicos da pesquisa exploratória, conforme Gil (1991), foram a pesquisa documental, que apresenta a reportagem publicada do Portal Uol já mencionada nesta introdução, e a pesquisa bibliográfica, a partir dos autores Felipe Pena (2007) e Nelson Traquina (2005), com ênfase para a Teoria Instrumentalista do Jornalismo.

Para Traquina (2005), a Teoria Instrumentalista consiste em apresentar o fato noticioso como instrumento para determinados interesses políticos. O autor mostra nesta teoria que são duas interpretações, na versão “de esquerda”, defendida pelo linguista, filósofo e ativista político norte-americano Noam Chomsky, as notícias são usadas como instrumentos a favor do sistema capitalista, ou seja, a imprensa estaria sob os interesses da elite política e econômica. Já na versão “de direita”, defendida por autores como Robert Lichter e Stanley Rothman, as notícias são usadas para questionar o sistema, ou seja, assim os jornalistas distorcem informações para veicular ideias anticapitalistas.

2. A TEORIA INSTRUMENTALISTA

Pena (2007, p.146) explica que o “instrumentalismo parte de um paradigma de pesquisa baseado nos chamados estudos da parcialidade, cujo objetivo é verificar a existência ou não de distorções nos textos noticiosos. ”. Os pensamentos opostos, defendidos por autores distintos mostram o grande paradoxo entre as duas vertentes.



“Ambas as versões trabalham com pressupostos bem marcados. Entretanto, enquanto uma defende que o papel dos profissionais da imprensa está reduzido à função de cumpridor de ordens patronais, a outra acredita que os jornalistas têm o controle pessoal sobre a produção da notícia e estão dispostos a influenciar o noticiário com a defesa de suas ideias. Visões diferentes, mas limitações muito parecidas.” (PENA, 2007, p.149).

Outro autor que escreve sobre a teoria instrumentalista Traquina (2005).

“Assim, nas *teorias de ação política*, os *media* noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente certo interesses políticos: na versão de esquerda, os *media* noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo. Seja de esquerda ou de direita, essas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão de mundo, da sociedade, etc.” (TRAQUINA, 2005, p. 163).

Pena (2007, p.147) cita trechos de Traquina (2005), que apontam fatores que explicam e intensificam a visão de esquerda da teoria, como “a ideologia anticomunista predominante entre a comunidade jornalística e a natureza de ações punitiva dos poderosos”. Pena (2007, 149) também utiliza do texto de Traquina (2005) para apresentar argumentos da visão de direita que vão contra a de esquerda, como o fato de que, “em muitas empresas jornalísticas, raramente os donos de jornal se encontram com os diretores e que os jornalistas têm um grau de autonomia e iniciativa que muitas vezes incomoda a elite”.

De todo modo, percebe-se a liberdade cerceada pelo interesse de grupos opostos que agem de forma velada utilizando os jornalistas como instrumentos. Mais uma vez, o interesse coletivo fica em segundo plano, em razão dos interesses individuais.

3. CONTEXTO HISTÓRICO DA TÁTICA BLACK BLOC

Uma das condições para analisar um grupo social é considerar seu contexto histórico, não deixando de lado seus costumes, ideologias e comportamentos. Em se tratando da história dos Black Blocs, de acordo com o cientista político francês que estuda o grupo por mais de uma década, Dupuis-Déri (2014), para muitos de seus participantes, a tática possibilita que eles expressem uma visão de mundo e uma rejeição



radical ao sistema político e econômico, mas, nem por isso, são ingênuos ao ponto de achar que essa ação pode desenvolver uma teoria geral da sociedade e da globalização capitalista. “Em suma, o termo Black Bloc representa uma realidade mutável efêmera, pois se trata de um grupo autônomo onde não existe um líder ou ordem hierárquica, prezando assim a igualdade e a liberdade” (Dupuis-Déri, p. 64).

O autor salienta que, geralmente, eles vestem preto, estão de máscaras, desfilam devagar, podem portar bandeiras negras. Vez ou outra usam da força para mostrar críticas radicais. “Para os adeptos, é uma forma de se comportar nos protestos de rua e, quando envolve o uso da força, lhes possibilita mostrar que nem a propriedade privada, nem o Estado, representado pela polícia, é sagrado” (Dupuis-Déri, p. 11). Eles expressam sua fúria contra o capitalismo ou compaixão com os menos favorecidos.

Segundo Dupuis-Déri (2014), a tática Black Bloc surgiu na Alemanha Ocidental, nos anos 1980.

Portanto, o que distingue a tática dos Black Blocs não é o recurso à força, tampouco o uso de equipamentos defensivos e ofensivos em passeatas e manifestações – ainda mais porque muitos Black Blocs já protestaram pacificamente sem qualquer equipamento. Na verdade, o que diferencia essa tática de outras unidades de choque é sobretudo sua caracterização visual – a roupa inteiramente preta da tradição anarcopunk – e suas raízes históricas e políticas nos *Autonomen*, o movimento “autonomista” em Berlim ocidental, onde a tática Black Bloc foi empregada pela primeira vez no início dos anos 1980. ” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 40)

De acordo com o estudo de Dupuis-Déri (2014), os Autonomens praticavam uma política focada na igualdade, com a participação do grupo, sem um representante formal. A autonomia, seja individual ou coletiva, mostrava valor igualmente importante.

O autor defende três teorias em torno do surgimento do termo Black Bloc. Na primeira, o termo foi utilizado pela primeira vez em 1980, quando um chamado pela mobilização anarquista de Primeiro de Maio em Frankfurt pedia às pessoas que se juntassem ao Black Bloc.

A segunda, conforme Dupuis-Déri (2014), defende que a polícia avançou para desmontar a “República Livre de Wendland”, que era o acampamento em protesto contra a abertura de um depósito de lixo radioativo, em Gorbelen, Baixa Saxônia. Em reação, manifestações em solidariedade foram organizadas. A mais famosa, “Black Friday”, todas as pessoas vestiam jaquetas de couro pretas e usavam capacete de moto, com os rostos cobertos por bandanas pretas. As reportagens faziam referência ao



Schwarzer Block, que traduzido para o inglês é Black Bloc e para o português Bloco Preto.

Outros ainda defendem que o termo foi cunhado em dezembro de 1980 pela polícia de Berlim Ocidental. Tendo decidido pôr fim às ocupações, as autoridades municipais teriam autorizado a polícia a conduzir uma série de despejos extremamente violentos. Diante da ameaça iminente de uma ação brutal da polícia, diversos *Autonomen* com máscaras e roupas pretas foram às ruas para defenderem suas ocupações. Nesse cenário, chegou a haver ação jurídica contra a “organização criminosa” conhecida como o “Black Block”. Mas a ação da procuradoria perdeu, e as autoridades admitiram que a organização nunca existira. Depois, em 1981, foi impresso um panfleto intitulado “*Schwarzer Block*” com a seguinte explicação: “Não existem programas, estatutos ou membros do Black Bloc. Existem, porém, ideias e utopias políticas, que determinam nossas vidas e nossa resistência. Essa resistência tem muitos nomes, e um deles é Black Bloc. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 42-43).

Inicialmente, os Black Blocs participaram das “manifestações contra a visita do presidente norte-americano Ronald Reagan à Berlin Ocidental, em junho de 1987” (Dupuis-Déri, p. 44). O autor cita também setembro de 1988 outra manifestação no mesmo local, porém referente ao Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). A Alemanha conta com os maiores grupos Black Blocs e por lá eles são conhecidos como Blocos Autônomos.

A partir 1990, pela contracultura punk e de extrema esquerda ou ultraesquerda, com a utilização dos fanzines, das turnês de bandas punks e dos próprios contatos dos ativistas o movimento foi divulgado.

Acredita-se que tenha surgido a primeira vez na América do Norte, em janeiro de 1991, durante uma manifestação contra a Primeira Guerra do Iraque. Jornais anarquistas como *Love and Rage* ajudaram a tornar a tática conhecida em toda a comunidade anarquista norte-americana. (DUPUIS-DÉRI, p. 50).

Ainda segundo o autor Dupuis-Déri (2014) a tática também foi usada no início dos anos de 1990 por membros da Anti-Racist Action (ARA). O ARA é reconhecidos como antiautoritário e antirracista, nos Estados Unidos e no Canadá. O grupo investe em confrontos diretos, em especial com grupos neonazistas e também com seguidores da Supremacia Branca.

Em 24 de abril de 1999, um Black Bloc de cerca de 1.500 pessoas participou de uma passeata na Filadélfia, exigindo a liberação de Mumia Abu-Jamal, um dos



fundadores da divisão local Panteras Negras, que havia sido acusado de matar um oficial da polícia em 1981 e condenado à morte.

Foi em 30 de novembro de 1999, numa reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) que o mundo inteiro conheceu os Black Blocs pela mídia. De lá para cá, eles ganham evidência nos eventos internacionais, como reuniões da OMC, o FMI etc. O Brasil conheceu de perto as manifestações promovidas pelos Black Blocs no segundo semestre de 2013, a partir do aumento das tarifas de ônibus.

4. IDEOLOGIA BLACK BLOC

Para Dupuis-Déri (2014) os Black Blocs atuam segundo princípios ligados à tradição política anarquista, como liberdade e igualdade. Esses princípios são divulgados em assembleias gerais, sem hierarquia específica, ou seja, Black Blocs não têm chefes, aparentemente, não há quem imponha uma vontade a um subordinado.

As principais organizações sociais democráticas (sindicatos trabalhistas, sindicatos rurais, federações feministas, partidos políticos de esquerda, entre outras) fazem uma passeata “unitária” supervisionada por unidades policiais vigorosas. Enquanto isso, diversos grupos militantes conduzem ações violentas. Os Black Blocs se organizam nessas ocasiões, às vezes marchando pacificamente, mas dispostos a recorrer à força física, dependendo do contexto e da sua força. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 53 -54).

Dupuis-Déri (2014) explica que as autoridades, em especial, políticas organizam eventos públicos para frisar o que são detentores da violência que, segundo ele, é o ponto forte para demonstrar que politicamente o grupo é forte. “As grandes cúpulas internacionais são exemplo disso, servem como oportunidades para que esses líderes reúnam milhares de policiais fortemente armados e bem visíveis” (Dupuis-Déri, p. 115). Em princípio, os Black Blocs não atacam centros comunitários, bibliotecas públicas ou mesmo pequenas empresas independentes. “Seus ataques se concentram contra os símbolos das grandes corporações, uma espécie de violência simbólica onde o alvo é a mensagem”. (Dupuis-Déri, p. 98).

O uso da força se justifica pelo fato de que o Estado, as grandes empresas e corporações exercem uma ação violenta muito maior sobre a sociedade do que qualquer ação que um manifestante possa fazer.



A violência exercida pelo Estado e afins escraviza e manipula grande parte da população. Por isso adeptos da tática usam a força contra esses símbolos, pois assim podem chamar a atenção para o problema real e gerar um debate político sobre a necessidade de uma verdadeira reforma. Dupuis-Déri (2014) afirma que os adeptos da tática usam a força contra as propriedades públicas e privadas como simbolismo e não como expressão pura de violência, pois os ataques representam a crítica às grandes corporações ou ao estado e tal crítica, em casos extremos, pode ser demonstrada pelo ato de destruir as mesmas.

5. A TÁTICA BLACK BLOC NO BRASIL

No Brasil, a tática foi registrada pela primeira vez durante as manifestações, que tiveram início em junho de 2013, mas que permaneceram durante todo o segundo semestre seguinte, até a metade de 2014, quando ocorreu a Copa do Mundo. O início das revoltas populares, conforme já citado, se deu pelo aumento das tarifas de ônibus, começando em São Paulo e tomando todo o país, numa espécie de onda de indignação.

Solano (2014) assegura que foram mais de 600 protestos em todo o Brasil. Milhares de pessoas participaram dos protestos motivados pelo atual Governo. A partir das queixas relativas ao transporte público, outras motivações apareceram como os problemas já conhecidos nas áreas da educação e da saúde. Percebeu-se que o Estado mostrava a força policial nas ruas.

Segundo suas próprias narrativas, a maioria dos que aderiram à tática Black Bloc nas ruas de São Paulo o fez depois das manifestações de junho, motivados pelo que eles consideraram “ação policial excessiva contra os manifestantes”. Alguns tinham conhecimento prévio do significado do Black Bloc, mas uma boa parte só teve contato teórico e prático com essa realidade depois que começaram a circular na internet diversas informações sobre a tática como “resposta à ação policial de junho”. (SOLANO, 2014, p. 52).

Ainda para Solano (2014), tanto jovens de classe média alta quanto jovens da periferia estavam entre os manifestantes que aderiram à tática Black Bloc. Aliás, eles a defenderam a ação direta, isto é, uma violência performática, com a intenção de provocar uma reação social e institucional. Os estudiosos reconhecem que os Black Blocs têm a violência como uma estratégia usada quando pacificamente suas manifestações não apresentam resultados.



No Brasil, as manifestações não saíram muito do padrão que a tática vem seguindo desde o seu surgimento na Alemanha Ocidental, ou seja, apesar de se posicionarem contra empresas e o governo o alvo foi também a polícia que utiliza da força para intimidar e conter os manifestantes. Os Black Blocs também usaram a força e a violência para serem notados e provocar um debate sobre a situação atual do país, utilizaram a mídia, em especial, para expor a polícia na frente das câmeras. Uma via de mão dupla.

A depredação é performática. Tudo o que seja diferente disso não é Black Bloc. Pode levar a máscara, ir de preto, mas não é Black Bloc. Pode se dizer Black Bloc. Não é. Se depredar pequeno comércio, se queimar carro popular, ou tacar pedra numa pessoa caminhando pela rua, roubar, assaltar, não é Black Bloc. (SOLANO, 2014, p. 75).

Mais do que o vandalismo explícito está o simbólico, ou seja, as pressões com as quais temos que lidar no dia a dia. “Os crimes do Estado, do sistema, representam a violência real. A violência realizada pela tática é uma forma de chamar a atenção sobre aquela cometida pelo sistema”. SOLANO (2014, p. 105)

No texto de Solano (2014), ela cita que, segundo dados da Ong Artigo 19, mais de 2000 pessoas foram detidas ao longo de 2013, durante os protestos em todo o país. A autora a ainda ressalta que a falta de diálogo entre os manifestantes e o Estado, no caso, a polícia, resultou em uma série de conflitos que poderiam ser evitados. Além disso, depois dos protestos a sociedade permaneceu com um sentimento de derrota.

6. A AÇÃO DO PORTAL UOL

O Portal Universo Online (UOL) é pioneiro na produção de conteúdo noticioso na internet brasileira. A estreia foi em abril de 1996. Na atualidade, são mais de 7 bilhões de páginas visitadas todo mês, conforme dados exibidos pelo portal. Entre tantas publicações sobre os Black Blocs, destacamos aleatoriamente, após pesquisa no Google, a reportagem intitulada “Chefe da Polícia Civil do Rio diz não considerar black blocs como manifestantes”, publicada no dia 17 de outubro de 2013.

São cinco parágrafos, totalizando 32 linhas. Há uma foto de Marcelo Sayão, em que aparece face de um possível integrante do Black Bloc fazendo uso de uma máscara do soldado católico inglês Guy Fawkes, inspirador do personagem anarquista de gíbi denominado V, que tornou-se personagem de longa metragens. A máscara aparece estilizada, com motivos carnavalescos. A foto vem acompanhada da seguinte legenda:

“Membro do Black Bloc usa máscara durante protesto na região central do Rio, na terça-feira (15)”. Pelo modo com que a foto apareceu, parece que a estética foi privilegiada em detrimento da informação. Não houve sequer a apuração para saber se o manifestante realmente integrava o Black Bloc ou se era qualquer manifestante travestido.

Figura 1 – Foto da reportagem do Portal Uol



Fonte: Portal Uol

Chamou a atenção o fato da matéria não estar assinada por nenhum jornalista, apenas trouxe a indicação do Uol, no Rio. Significa que um editor ou redator pode ter se encarregado do texto, apenas a partir da transcrição da entrevista veiculada pela CBN, o que fere a norma primordial do jornalismo de ouvir os dois lados da história. Por mais que o jornalismo online tenha como característica os textos mais curtos e diretos, é uma representação que encontra explicação na teoria instrumentalista, quando apenas um lado é ouvido em detrimento do poder, como explicam os autores citados neste trabalho.

A única declaração é da chefe de polícia do Rio de Janeiro, delegada Martha Rocha, que foi realizada pela rádio CBN e reproduzida pelo Portal Uol. Ela diz que não considera os integrantes da tática Black Bloc manifestantes.

Figura 2 – Trecho da reportagem do Portal Uol

A chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, delegada Martha Rocha, afirmou nesta quinta-feira (17), em entrevista à rádio "CBN", que não considera os integrantes do movimento Black Bloc como "manifestantes". "Nós não consideramos essas pessoas como manifestantes. Eles tão pegando carona em outras questões legítimas, não para participar dessa manifestação, mas para destruir a nossa cidade", disse.

Fonte: Portal Uol

Conforme a teoria instrumentalista, a reafirmação do poder os integrantes da mídia são instrumentos para verdadeiras propagandas para atender os interesses ligados ao poder, em especial políticos. Percebe-se na declaração utilizada a força deste discurso.

A reportagem segue citando os números de presos em um protesto que ocorreu na mesma semana para justificar o termo empregado “organização criminosa”, como se vê abaixo:

Figura 3 - Trecho da reportagem do Portal Uol

Ao todo, **70 pessoas foram presas após os protestos da terça foram enquadradas na nova lei de Organização Criminosa**, que considera organização criminosa "a associação de quatro ou mais pessoas estruturalmente ordenada e caracterizada pela divisão de tarefas, ainda que informalmente, com objetivo de obter, direta ou indiretamente, vantagem de qualquer natureza, mediante a prática de infrações penais cujas penas máximas sejam superiores a quatro anos, ou que sejam de caráter transnacional".

Fonte: Portal Uol

Traquina (2005) salienta que na teoria instrumentalista, na angulação da esquerda, versão de esquerda, os media estão a serviço do capitalismo e seus instrumentos são relacionados à divulgação da informação. Nota-se que o número de pessoas vem como forma de justificar a publicação e ainda proteger o portal que sequer buscou informações para o outro lado. Martha Rocha demonstra desconhecimento sobre as raízes do movimento Black Bloc e sua atuação no mundo, porém o jornalista responsável poderia ter salientado em seu texto, ainda que não ouvisse o outro lado, o histórico do movimento e como são caracterizadas suas ações. Qualquer manifestante de roupa preta e máscara está caracterizado como Black Bloc, sendo que as origens do movimento mostram outros caminhos.

A delegada continua sua declaração recriminando as ações dos Black Blocs nas manifestações dizendo que eles somente praticam atos criminosos, sem nenhuma base ideológica política. Martha Rocha completa dizendo acreditar que a sociedade não se identifica com a causa defendida pelo movimento.



Figura 4 - Trecho da reportagem do Portal Uol

Martha Rocha disse acreditar também que a sociedade não se identifica com a causa defendida pelo movimento. "No dia desse evento, eu percorri algumas delegacias, porque tivemos que descentralizar o atendimento. O que eu vi: mãe desesperada, pai atordoado e advogado. Eu não vi ninguém que se solidarizou com esse movimento", contou. "As pessoas que se solidarizaram nas redes sociais com esse movimento não estavam ali."

Fonte: Portal Uol

Pena (2007) adverte para o fato de que na teoria instrumentalistas não só a versão da direita, mas também da esquerda deixam muito claro suas posições. Aqui percebe-se que o responsável pela pauta e que gerou a reportagem do Uol se manifestou como um cumpridor de ordem, sem sequer questionar ou se atentar às questões aqui levantadas. É sabida a necessidade de velocidade imposta pela plataforma online, mas sabe-se mais ainda que a apuração e a busca pela verdade são regras do fazer jornalístico.

CONSIDERAÇÕES

Um dos principais intuits desse trabalho, além de mostrar a construção histórica da tática Black Bloc e a sua representação, foi indicar os sinais da violência midiática a retratar os manifestantes. Desde a Batalha de Seattle, em 1999, a imagem pública dos Black Blocs vem sendo distorcida. Às vezes eles são divulgados como sendo vândalos e criminosos, outras vezes como baderneiros. Neste caso do Portal Uol, podemos constatar que não houve nenhuma preocupação em trazer à tona o porquê das ações e de que modo elas são importantes para alavancar um debate na sociedade e impactar para avanços políticos. Viu-se uma visão negativa explícita, relacionada apenas à violência. Na fala reproduzida pelo Portal, deu-se repercussão apenas para o fato de que são criminosos, sem partir para uma investigação mais aprofundada, além da simples publicação da lei. Taxá-los como criminosos, sem esclarecer o simbolismo por trás das ações, foi uma forma de caracterizar a informação.

Foi possível perceber claramente a aplicação da teoria instrumentalista de visão esquerda na matéria do Portal Uol. Toda a estrutura da matéria, passando dos comentários da delegada até as informações sobre a criação da lei da Organização Criminosa demonstra o que foi dito por Pena (2007) e Traquina (2005), onde o que prevalece são os interesses de quem está no poder, no caso a polícia apresentando a força do Estado. Ficou clara a manifestação do preconceito e do não entendimento –



velado ou não - em relação ao assunto. Todos são indícios da repressão por meio da mídia. Torna-se, a cada dia, mais necessária a discussão profunda sobre as consequências negativas que este tipo de distorção pode ocasionar. No caso dos Black Blocs, a ocultação da informação, sem o esclarecimento devido sobre o que eles são e o que eles pensam, leva a população a construir conceitos equivocados sobre a tática. Prejuízos que se repetem, independentemente da editoria.

REFERÊNCIAS

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

PENA, Felipe. Teoria Instrumentalista. **In: Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHEFE da Polícia Civil do Rio diz não considerar black blocs como manifestantes. Portal Uol, Rio de Janeiro, 17.out.2000. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/10/17/chefe-da-policia-civil-do-rio-diz-nao-considerar-black-blocs-como-manifestantes.htm>>. Acesso em: 23/04/2015.

SOLANO, Esther. Parte 1: A Pesquisadora – Esther Solano Gallego. **In: Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. Esther Solano, Bruno Paes Manso. Willian Novaes. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TRAQUINA, Nelson. As teorias de ação política. **In: Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2. ed, vol. 1, 2005.